

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO FORMAS DE EXPRESSÃO	CÓDIGO DA FICHA					
	PE	01	00	12	F40	03
	UF	SÍTIO..	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Região Metropolitana do Recife
LOCALIDADE	Recife; Olinda; Jaboatão dos Guararapes; Igarassu
MUNICÍPIO / UF	Recife; Olinda; Jaboatão dos Guararapes; Igarassu/PE

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Calunga
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Boneca
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. EXECUTANTEOBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O(A) ENTREVISTADO(A) VER **ANEXO 4: CONTATOS**.

NOME	Vide item 16.3 (outras observações)	☐ MASCULINO	
		☐ FEMININO	
OCUPAÇÃO		DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	
RELAÇÃO COM O BEM	☐ MESTRE ☐ APRENDIZ ☐ OUTRO _____	☐ PRODUTOR ☐ VENDEDOR	☐ PÚBLICO ☐ EXECUTANTE

4. FOTOSOBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

PE

01

00

2012

F40

03



Foto 01

Descrição: Calunga do Maracatu Nação Estrela de Olinda, na Noite para os Tambores Silenciosos de Olinda.

Localizador: Anexo 2 (nº 786)



Foto 02

Descrição: Calunga do Maracatu Nação Rosa Vermelha, na prévia para a Noite dos Tambores Silenciosos.

Localizador: Anexo 2 (nº 788)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**PE****01****00****2012****F40****03**

Foto 03

Descrição: Calunga do Maracatu Nação Gato Preto, no Desfile das agremiações (Grupo um).

Localizador: Anexo 2 (nº 769)



Foto 04

Descrição: Calunga do Maracatu Nação Tupinambá, no desfile das agremiações (Grupo dois).

Localizador: Anexo 2 (nº 768)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

PE

01

00

2012

F40

03



Foto 05

Descrição: Calungas do Maracatu Nação Cambinda Estrela (Obrigação).

Localizador: Anexo 2 (nº 760)



Foto 06

Descrição: Calunga do Maracatu Nação Encanto da Alegria, no desfile das agremiações (Grupo especial).

Localizador: Anexo 2 (nº 764)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

PE

01

00

2012

F40

03



Foto 07

Descrição: Calungas do Maracatu Nação Aurora Africana, no desfile das agremiações (Grupo especial).

Localizador: Anexo 2 (nº 764)



Foto 08

Descrição: Calunga do Maracatu Nação Porto Rico, na Noite dos Tambores Silenciosos.

Localizador: Anexo 2 (nº 784)

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**PE****01****00****2012****F40****03****5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO**

As calungas são as bonecas negras de madeira ou pano, conduzidas pelas damas do paço nos cortejos dos maracatus nação, que tem por principal função trazer proteção para cada maracatu nação. Além da proteção, a calunga também funciona como um marco identitário dos maracatus nação, pois, de acordo com os maracatuzeiros, para que um maracatu seja considerado um autêntico maracatu nação, ele precisa ter fundamentos religiosos. As calungas podem ser consideradas os ícones desse fundamento, tendo em vista que elas são os “objetos” que recebem as obrigações religiosas em todos os maracatus nação, ou seja, elas são as que carregam os axés (espécie de energia vital energia positiva) de cada maracatu nação. Ainda assim, existem grupos percussivos que possuem calungas em sua corte apenas no sentido de performance artística. Essas bonecas também podem ser encontradas nos maracatus de orquestra (baque solto), porém apenas de pano, na cor branca ou negra. Cada maracatu nação pode ter de uma, duas ou mais calungas, sendo mais comum encontrar grupos com duas. Os grupos com apenas uma calunga tendem a rarear, pois uma das novas exigências no regulamento do Concurso das Agremiações Carnavalescas é a apresentação de duas calungas no desfile. Os maracatus Aurora Africana e Axé da Lua já estão confeccionando uma nova calunga. As calungas geralmente são confeccionadas por artesãos nem sempre ligados aos maracatus nação. Outros maracatus nação, como o Leão Coroado, possuem duas calungas, porém só desfilam com uma. O Estrela Brilhante de Igarassu diz já ter possuído duas calungas, tendo uma delas sido roubada no início do século XX (vide campo 9.2 desta ficha). Por essa razão, ele desfila apenas com Dona Emília e não tem a intenção de confeccionar uma nova calunga, até mesmo porque não toma parte no concurso. Nos maracatus nação, a imensa maioria é do sexo feminino, porém podem também ser do sexo masculino, a exemplo da calunga Dom Gilberto do Maracatu Nação Aurora Africana e da calunga Xangô do Maracatu Nação Estrela de Olinda. Como já salientamos, a maioria das calungas dos maracatus nação é feitas de madeira, porém, é possível encontrar calungas de pano. Alguns grupos podem possuir calungas somente de pano, outros somente de madeira, e em alguns casos dos dois tipos. Ao justificarem a existência das bonecas de pano, alguns grupos alegam dificuldades financeiras, dizendo que futuramente as calungas serão substituídas por versões de madeira. Em outros casos, os maracatuzeiros dizem que faz parte da tradição dos maracatus nação possuírem uma boneca de cada material. Por fim, existem os maracatus que associam as calungas de pano uma relação com os exus e as Pomba Giras; um dos termos para se referirem a essas bonecas é “bruxa de pano”. Esse é o caso da calunga Dona Bela, pertencente ao Maracatu Nação Porto Rico.

As calungas são consideradas sagradas por todos os maracatus nação, sendo por isso envoltas de interdições. Uma delas diz respeito às pessoas com permissão, ou não, a tocar nelas. Para poder tocar em uma calunga é preciso estar de corpo limpo, ou seja, sem ter consumido bebidas alcoólicas, drogas, ter tido relações sexuais ou, no caso das mulheres, estar menstruada. Para que o corpo de alguém se torne “limpo”, essa pessoa precisa tomar um banho de ervas preparado em um terreiro. Após o banho, a pessoa permanece com o corpo limpo até que volte a consumir álcool ou drogas, ter relações sexuais ou ainda menstruar. Se alguém de corpo sujo toca nas calungas, elas são profanadas e a proteção que se busca nelas não é mais garantida, ou seja, algo de errado pode acontecer com o maracatu. Como não é possível se exercer o controle sobre quem está ou não de corpo sujo, os maracatuzeiros permitem que apenas as damas do paço, ou alguém de extrema confiança (geralmente rainha ou sacerdotes da religião dos orixás ou jurema toquem nelas). Após terem seus corpos limpos, as damas do paço devem passar por um período de resguardo (sem sujar o corpo) que pode variar de 3 a 21 dias, dependendo do maracatu nação. Por isso, o cargo é considerado como sendo de extrema responsabilidade.

O modo como os maracatus nação cultuam as calungas também varia; alguns deles consideram as calungas como representando algum egum (espírito dos ancestrais), outros como sendo orixás, por vezes como sendo um misto das duas coisas ou ainda como entidades da jurema, a exemplo das calungas Dona Jupira e Dona Laurinda, do Maracatu Nação Gato Preto, representando duas caboclas. Desse modo, elas podem ser consideradas como um egum, Dona Brígida (Encanto da Alegria), por exemplo, recebe obrigação no quarto de balé, mas, ao mesmo tempo, representa o orixá Oxum; essa dupla representação por vezes é atribuída ao fato do egum representado pela boneca ter sido pertencente ao orixá em questão. Por outras vezes, esta relação não está clara. Existem calungas, por exemplo, como a Dona Inês do Maracatu nação Porto Rico, que é considerada um egum, mas que recebe obrigação no pegi de Iansã, orixá que representa. As calungas que são consideradas orixás per si, geralmente possuem um *otá*, tipo de pedra considerada como elemento fundamental para a feitura de um orixá. Desse modo, todos os orixás (representados por louças, pedras, ferramentas, etc., assentados em seus pegis) possuem um *otá*. No caso das calungas consideradas eguns, elas também recebem um fundamento dentro de si, em sua primeira obrigação religiosa, ou seja, no ritual que vai tornar uma boneca de madeira ou pano, numa real calunga sagrada. Os eguns (espíritos de ancestrais) representados por elas geralmente são pessoas que já estiveram envolvidos de alguma forma como os maracatus nação ou mesmo com alguns maracatuzeiros dos grupos. É o caso de Dona Yá Mitaladê, calunga pertencente ao maracatu Nação Encanto do Dendê e que homenageia o egum de uma ialorixá (mãe de santo) do Mestre Edmilson Lima do Nascimento. Quando as calungas são cultuadas como eguns, elas costumam receber como obrigação o mesmo tipo de alimento oferecido a essas entidades como bodes, galinhas, comidas secas (comidas que não são sacrifícios de animais) ou bebidas. O mesmo ocorre em relação às comidas oferecidas às calungas, quando estas são consideradas orixás. Ainda na obrigação que prepara a saída das calungas para as ruas no carnaval, elas passam por

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**PE****01****00****2012****F40****03**

um banho de limpeza, geralmente composto com ervas e perfumes; em alguns maracatus o banho dado é o banho de *amassi*, ou seja, o mesmo banho dado para tornar o corpo das pessoas limpo, puro. Esse banho é, em alguns casos, dado pela ialorixá ou babalorixá responsável pelo terreiro, ou ainda pela dama do paço responsável por conduzir a calunga. Essas obrigações ocorrem geralmente de 15 dias a uma semana antes do início do carnaval. Porém existem casos onde essas datas podem variar.

Como se pode perceber, as calungas saem às ruas preferencialmente no período carnavalesco e, para que traga a proteção ao maracatu nação, ela precisa passar por um ritual onde recebe uma obrigação. Em outras apresentações onde é solicitada a presença das calungas, os maracatus podem proceder de diversas maneiras. Alguns realizam algum tipo de obrigação ou ritual de limpeza, mesmo que simples, para que os orixás e entidades autorizem sua saída às ruas. Outros consideram que apenas uma das calungas possui a interdição de só sair às ruas no carnaval, apresentando, então, a calunga secundária. Por fim, existem grupos que possuem calungas “falsas”, ou seja, bonecas sem fundamento religioso, utilizadas apenas ao nível da performance artística. É o caso do Maracatu Aurora Africana, que não leva a calunga Dona Cleonice às ruas fora do período carnavalesco, levando assim uma sócia em seu lugar.

Abaixo realizamos uma lista com as calungas presentes em cada maracatu nação identificado neste inventário:

Maracatu Nação Almirante do Forte: Dona Menininha e Dona Creuza, consideradas eguns.

Maracatu Nação Aurora Africana: Dona Cleonice e Dom Gilberto, representantes de Iansã e Xangô.

Maracatu Nação Axé da Lua: Dona Dandara, cultuada como egun, representando Oxum; a outra calunga está sendo confeccionada e ainda não possui nome.

Maracatu Nação Cambinda Estrela: Dona Inês e Dona Aurora, possuindo significado ambivalente, ou seja, para alguns eguns e para outros os orixás Iansã e Oxum.

Maracatu Nação Centro Grande Leão Coroado: Dona Clara e Dona Isabel, cultuadas como eguns.

Maracatu Nação Elefante: Na época de Dona Santa possuía as calungas Dona Emília, Dona Leopoldina e Dom Luís, sendo provavelmente cultuadas como eguns.

Maracatu Nação Encanto da Alegria: Dona Alice e Dona Brígida, cultuadas como eguns e representando Iansã e Oxum. Existe ainda uma calunga de pano, chamada Lebá, representando uma pomba-gira, cultuada na jurema.

Maracatu Nação Encanto do Dendê: Yá Mitaladê, Oyá Gigan e Xangô, representado eguns e orixás de modo simultâneo.

Maracatu Nação Encanto do Pina: Dona Emília e Dona Deym, que representam Iemanjá e oxum, além de Maria Padilha, que representa a Pomba Gira de mesmo nome.

Maracatu Nação Estrela Dalva: Dona Anália e Dona Julieta, representando Oxum e Iansã.

Maracatu Nação Estrela Brilhante de Igarassu: Dona Emília, cultuada como egum.

Maracatu Nação Estrela Brilhante do Recife: Dona Joventina e Dona Erundina, cultuadas como eguns e representando Iansã e Oxum.

Maracatu Nação Estrela de Olinda: Iansã, Oxum e Xangô (aqui as Calungas são os próprios orixás).

Maracatu Nação Gato Preto: Dona Jupira e Dona Laurinda, cultuadas como caboclas da jurema.

Maracatu Nação Leão da Campina: Dona Rita de Cássia, Dona Ana Rosa e Dona Maria Luíza. As calungas representam os eguns da família de santo da nação angola, da qual Nadja faz parte, bem como orixás (somente o

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**PE****01****00****2012****F40****03**

nome de um deles foi revelado por Nadja em entrevista: Iansã, representada pela calunga Maria Luíza).

Maracatu Nação Leão Coroado: Dona Clara e Dona Isabel, cultuadas apenas como eguns.

Maracatu Nação Lira do Morro da Conceição: Dona Bárbara representando Oxum e Quebra Pedra, representando um mestre de jurema com o mesmo nome.

Maracatu Nação de Luanda: Dona Dandara, Dona Anastácia e Dona Muxim do Congo Riá, cultuadas como eguns.

Maracatu Nação Oxum Mirim: Dona Bárbara e Dona Carmelita, cultuadas como eguns e representantes dos orixás Iansã e Oxum.

Maracatu Nação Porto Rico: Dona Inês, dona Elizabete e Dona Bela, representando Iansã, Oxum e Exu respectivamente.

Maracatu Nação Raízes de Pai Adão: Dona Vincentina e Dona Alexandrina, representando eguns que fizeram parte do Sítio de Pai Adão, mas que também representam os orixás Iansã e Oxum.

Maracatu Nação Rosa Vermelha: Princesa Isabel, Rainha Isabele e Dom Luis, cultuados como eguns.

Maracatu Nação Tigre: Dona Júlia, cultuada como egum.

Maracatu Nação Tupinambá: Dona Raio de Luar e Dona Benedita, cultuadas como eguns e representando os orixás Oxum e Iemanjá.

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE**6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS**

As calungas geralmente são resguardadas em lugares especiais. Esses lugares podem ser os terreiros onde são realizadas as obrigações religiosas do grupo. Nesses casos, elas se situam no pegi dos orixás que representam ou no quarto de balé (quarto dos eguns). Muitas vezes os terreiros são também a sede dos maracatus nação.

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

Item não contemplado nos objetivos da pesquisa.

6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

Item não contemplado nos objetivos da pesquisa.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

PE

01

00

2012

F40

03

7. TEMPO**7.1. PERIODICIDADE**

As calungas saem às ruas em algumas apresentações dos maracatus nação, especialmente as realizadas no período carnavalesco. No restante do tempo, elas ficam resguardadas em locais especiais. Como salientamos, elas não saem às ruas em qualquer tipo de apresentação, mas sempre se fazem presentes na Noite dos Tambores Silenciosos do Recife, Noite para os Tambores Silenciosos de Olinda e no Concurso das Agremiações Carnavalescas.

7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 2001

2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒

8. BIOGRAFIA

Item não contemplado nos objetivos da pesquisa.

9. ATIVIDADE**9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES**

Devido à precária documentação acerca de como eram as formas de expressão e modos de fazer os maracatus nação do passado, não é possível afirmar se as calungas sempre foram constitutivas dos maracatus nação ou quando foram inseridas. Um dos primeiros registros encontrados está na obra *Folk-Lore Pernambucano: Subsídios para a Poesia Popular em Pernambuco* (1908), de Pereira da Costa. O autor faz uma breve descrição dos cortejos dos maracatus da época e diz:

“... vários personagens, entre os quais os que conduzem os fetiches religiosos – um gato de madeira, um jacaré empalhado e **uma boneca de vestes brancas com manto azul**” (Costa, 1908, p. 207).

Percebe-se que na descrição ele não utiliza o termo “calunga”. Outros autores do fim do século XIX e início do XX, como Nina Rodrigues, Ascenço Ferreira, Arthur Ramos, Fernando Ortiz e Mário de Andrade também fizeram referência à boneca, porém com distintas denominações, tais como: calumba, catita, figuras de gente esculpida, boneco vadio e rotineiro ou ornamento inspirador de práticas mágicas. A origem do termo, segundo Mário de Andrade (1982), seria bantu, e em Angola ela seria considerada como um símbolo de força impossível de se compreender. Para o autor, seus significados e designações sugerem que a calunga possui um conceito vago, porém místico e eivado de uma grandeza inexplicável de superioridade misteriosa e sobre-humana. Nos maracatus, mais especificamente, o autor salienta que a calunga seria derivada dos costumes congueses tradicionais, também com funções e finalidades místicas. De fato, a dimensão sagrada da boneca é recorrente no discurso do autor, em suas palavras:

“a meu ver a calunga é tudo isso e mais alguma coisa... Ídolo, feitiço e apenas objeto de excitação mística, e ainda símbolo político-religioso de reis deuses: como a sua nomenclatura, o seu conceito também não está e talvez nunca esteve perfeitamente delimitado dentro da mentalidade negra” (Mário de Andrade, 1982, p. 149).

Por fim, ele relata que as calungas eram exclusivamente do sexo feminino. Tal informação foi questionada por César Guerra Peixe em sua obra *Maracatus do Recife* (1955). O maestro aponta que já na década de 1930, período em que Mário de Andrade esteve no Recife, havia no Maracatu Elefante de Dona Santa uma calunga macho, chamada Dom Luís. O autor afirma ainda que Dom Luís representava um rei africano, sendo por isso considerado um “Rei do Congo”. Guerra Peixe também salienta que Ascenço Ferreira (1951) já havia descrito que observara em um determinado maracatu a presença de uma calunga do sexo feminino (Dona Clara) e outra do sexo masculino (Dom Henrique). Ainda em relação ao sexo das bonecas, Guerra Peixe dá a entender que os órgãos sexuais delas possuíam acabamento

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**PE****01****00****2012****F40****03**

detalhado, impedindo, assim, qualquer dúvida em relação a essa questão. O maracatu estudado com mais cuidado pelo maestro foi o Elefante da legendária rainha Dona Santa; o referido grupo possuía três calungas: Dona Emília, Dona Leopoldina e Dom Luís. As duas bonecas do sexo feminino também podiam ser designadas como “princesas”, enquanto Dom Luís, como já salientamos, era designado “rei”. Dona Emília era considerada pelo grupo a mais importante. Sobre os seus sentidos, o autor relata que em Angola elas eram consideradas como representantes dos antepassados. Tal assertiva atualmente é válida e na época também era para os maracatus nação. No entanto, o autor afirma que não existiam estudos aprofundados sobre o assunto. Sobre o material das calungas, Guerra Peixe afirma que eram de madeira escura, mas não sabia definir o tipo. Sobre as calungas brancas confeccionadas em pano, ele relata que eram presentes apenas nos maracatus de orquestra (baque solto). A cor que predominava em suas roupas era o branco, remetendo à Oxalá, orixá presente no panteão africano. Nos grupos que pesquisou, os maracatuzeiros afirmaram que a origem das calungas era a mesma da fundação dos grupos, porém não existem certezas acerca da veracidade dessa informação. Além desses detalhes, vale salientar que no passado as calungas de madeira possuíam um prato anexado a suas pernas, por debaixo das suas saias. Tal prato não é mais observado nas calungas confeccionadas contemporaneamente, mas existe nas calungas consideradas mais antigas, como a Dona Isabel do Leão Coroado, além de estar presente nas calungas que atualmente se encontram em museus, como a antiga Dona Joventina do Estrela Brilhante do Recife, ou mesmo Dona Emília e Dona Leopoldina do Maracatu Elefante. Tudo indica que tal prato era utilizado para colocar as obrigações oferecidas às calungas; vale lembrar que nas obrigações realizadas aos orixás, eguns ou entidades da jurema, é comum que os alimentos oferecidos permaneçam junto da entidade por alguns dias, para, em seguida, ser despachado no local considerado apropriado.

Após discorrer acerca de suas características, Guerra Peixe se atém ao tipo de dança realizada com a calunga; Primeiramente, ele afirma que, durante os cortejos dos maracatus nação, as damas do paço (responsáveis por conduzir as calungas) não realizam dança diferenciada, seus passos de dança eram os mesmos executados pelas baianas, com a diferença que em uma das mãos elas portavam a calunga, podendo elevá-la para que ganhasse destaque ou abaixá-la o momento que quisessem. No entanto, existia outro tipo de dança, segundo o autor, de caráter religioso, executada num ritual que marcava a saída da calunga da sede da agremiação, para os cortejos a serem realizados nas ruas, e a chegada da calunga à sede, após o término do cortejo. Nessa dança, a dama do paço entrega a boneca à rainha que, em seguida, entrega a uma das baianas que vai passando a calunga de mão em mão. Cada baiana que recebe a calunga dançava um pouco com ela. Por fim, a última baiana a devolve para a rainha; tudo indica que, se o grupo fosse sair para as ruas, a rainha devolveria a calunga para a dama do paço, mas, caso o grupo estivesse chegando na sede, ela era colocada pela rainha no lugar onde era guardada e permanecia o ano todo. Esse lugar poderia ser o pegi do terreiro. Uma dança especial com a calunga também era realizada no momento em que o maracatu passava em frente a algum terreiro ou a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Para Guerra Peixe, a dança com a calunga significava um agrado às entidades protetoras dos maracatus nação, como os orixás ou mesmo Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e São Benedito.

Além da dança especial, observada por Guerra Peixe em meados do século XX, existiam também toadas que faziam referência às calungas. Como exemplo o autor transcreveu as seguintes toadas:

A boneca é de seda
Seda baleia (coro) (Guerra Peixe, 1980, p. 42)

Guerra Peixe afirma que essa toada era cantada ao longo da cerimônia onde ocorria a dança com a calunga. Muitas vezes ela não era cantada, mas sim recitada. Quanto ao seu conteúdo, o maestro afirmou que a palavra “seda” era uma referência ao tecido utilizado para a confecção do traje da boneca. Sobre o termo “baleia” ele nada afirmou.

A toada supracitada é de domínio público, sendo cantada até hoje em alguns maracatus nação. Ela dificilmente é cantada de modo isolado, geralmente ela é entoada após o fim do canto de alguma outra toada, servindo de complemento. A sua letra sofreu algumas alterações; alguns grupo cantam:

A boneca é de seda
Seda e madeira (coro)

O autor também transcreve outras três toadas; as duas primeiras em louvor à Dona Emília e a última dedicada, segundo ele, às damas do paço:

A bandeira é brasileira

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**PE****01****00****2012****F40****03**

Nosso rei veio de Luanda

Ôi, viva Dona Emília

Princesa Pernambucana (Guerra Peixe, 1980, p. 39)

Princesa Dona Emília

Para onde vai? – vou passeá

Eu vou para Luanda

Vou quebrar saramuná

Eu vou, eu vou

Eu vou para marchá

Eu vou para Luanda

Vou quebrar saramuná (Guerra Peixe, 1980, p. 51)

Sobre a toada supracitada, Guerra peixe afirma que ela era realizada após a obrigação religiosa feita para a calunga. De acordo com ele, o termo “marchá” significava dançar e o “quebrar”, requebrar.

Aê – aê, brasabundo

Dama do Paço pega na calunga (Guerra Peixe, 1980, p. 41)

Atualmente muitas características apresentadas por Guerra Peixe permanecem presentes, como os pratos por debaixo das saias de algumas calungas, seu material de confecção (madeira negra), toadas em homenagem a elas, o modo como é compreendida pela maioria dos grupo (eguns), além do fato de, para elas, serem realizadas obrigações e de serem conduzidas pelas damas do paço. Outras características como a predominância das cores branca e azul em suas vestimentas, bem como a dança especial realizada com elas não se observam mais. Sobre o seu material, observa-se atualmente a existência de calungas de madeira bem como calungas de pano, essas, em sua grade maioria, negras. Apenas o Maracatu Lira do Morro da Conceição possui uma calunga de pano na cor branca. Tal presença pode ter sido influência das formas de expressão dos maracatus de orquestra (baque solto) nos maracatus nação, influências essas que, em meados do século XX, eram vistas de maneira negativa pelos intelectuais.

9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

Existe uma infinidade de narrativas acerca das calungas dentro dos maracatus nação, o que prova a sua importância para os grupos. Uma das mais marcantes está relacionada à calunga Dona Joventina que atualmente se encontra exposta no Museu do Homem do Nordeste. Do início até meados do século XX, ela pertenceu ao Estrela Brilhante do Recife, localizado no bairro de Campo Grande e liderado pelo Sr. Cosme Damião Tavares, conhecido por Sr Cosmo. Alguns anos após sua morte, mais precisamente na década de 1960, quando o grupo encerrava suas atividades, a calunga foi entregue como presente à antropóloga norte americana Katarina Real, pelas mãos de Dona Assunção, viúva do Sr. Cosmo. Katarina levou a calunga consigo para os Estados Unidos. Após algum tempo fora de atividade, em 1970, o Maracatu Estrela Brilhante retorna sob o comando de Cabeleira e, mais tarde no início da década de 1990, passa para as mãos de Lourenço Molla (para maiores informações, vide ficha do Maracatu Nação Estrela Brilhante). A partir de 1995, quando o maracatu passa a ser sediado na casa da atual rainha Dona Marivalda, ela e seu babalorixá Jorge de Ogunté decidem confeccionar duas novas calungas para o grupo, já que, até então, o Estrela Brilhante não estaria sabendo cuidar dos fundamentos religiosos do grupo. Ao realizar os fundamentos religiosos das calungas, eles se basearam nas possíveis práticas do antigo Estrela Brilhante do Sr. Cosme. Por isso, os axés da antiga calunga Joventina teriam sido transferidos para a atual Joventina do Estrela Brilhante do Recife. Enquanto isso, em Igarassu, o grupo homônimo já possuía uma narrativa acerca de uma calunga que havia sido vendida ou roubada no início do século XX. Trinta anos após ter levado Dona Joventina para os Estados Unidos, Katarina Real resolve devolvê-la ao Estrela Brilhante, mas ao chegar à cidade encontra dois grupos com o mesmo nome, mas não reconhece em nenhum dos dois o mesmo grupo com quem conviveu no passado. Por esta razão, ela entrega a calunga para o Museu do Homem do Nordeste. Apesar de sua decisão, os dois maracatus Estrela Brilhante, por meio de suas dirigentes Olga de Santana Batista e Marivalda Maria dos Santos, reivindicam a posse da calunga. A primeira por reconhecer em Dona Joventina, trazida por Katarina Real, a calunga roubada de seu maracatu no passado; a segunda por considerar seu grupo o mesmo grupo liderado pelo Sr. Cosme. No período, houve troca de acusações e essa história é parte da

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**PE 01 00 2012 F40 03**

memória de vários maracatuzeiros até os dias de hoje.

Outra narrativa interessante é relacionada a Dona Inês, calunga do Maracatu Nação Porto Rico. De acordo com os relatos de memória escritos por Katarina Real, em seu livro *Eudes, o Rei do Maracatu* (2001), o referido rei haveria confeccionado a calunga na década de 1960 e a batizado com tal nome em homenagem à antiga rainha Inês de Castro, que havia sido coroada depois de morta. Após a morte do rei, os artefatos de seu maracatu, o Porto Rico do Oriente, foram entregues à União, ficando sob a custódia de Roberto Benjamim. Na década de 1980, dois maracatus foram fundados no Pina, mesmo bairro onde se encontrava o Porto Rico do Oriente, um denominado Porto Rico e outro Encanto do Pina. Os dois grupos consideravam-se os continuadores do grupo de Eudes e, por isso, reivindicavam para si a posse da calunga Dona Inês. Para evitar desentendimentos mais graves, Roberto Benjamim encomendou quatro calungas de madeira a um artesão e deu duas de presente para cada maracatu nação, mantendo Dona Inês do Porto Rico do Oriente sob seus cuidados. Apesar deste fato, o Maracatu Porto Rico deu o nome de Dona Inês a sua calunga e afirma que ela foi confeccionada pelo antigo Maracatu Porto Rico de Água Fria, grupo extinto na década de 1950 e do qual o atual Porto Rico, mas não o Porto Rico do Oriente de Eudes, se considera continuador. Esse fato revela como o valor da antiguidade e a tradição são importantes no contexto dos maracatus nação.

O Maracatu Leão Coroado também possui uma narrativa marcante acerca de suas calungas. O grupo possui duas calungas: Dona Clara e Dona Isabel, que desfilavam no maracatu do Mestre Luiz de França. De acordo com relatos do maestro Guerra Peixe, presentes em sua obra *Maracatus do Recife* (1955), a calunga Dona Clara, pertencente ao leão Coroado, não saía mais às ruas porque dava azar; toda vez que o grupo saía com tal calunga, algo de ruim acontecia. Por essa razão, o grupo não mais saiu com a calunga. Atualmente o Leão Coroado que se encontra em Olinda, sob os cuidados de Afonso Aguiar, continua sem sair com a calunga. Quando indagado acerca do motivo do resguardo permanente da boneca, o atual mestre disse que era por não ter ainda encontrado uma mulher adequada a ocupar o cargo de dama do paço.

Outras narrativas recorrentes sobre as calungas são aquelas que afirmam que algumas delas (geralmente as bruxas de pano) são confeccionadas para proteger o maracatu de demandas religiosas enviadas por outros maracatus nação, além das narrativas acerca dos espíritos que residem nas bonecas, que, por vezes, observam as coisas ao seu redor movendo os olhos.

A partir do exposto, percebe-se que as calungas são objetos que recebem muita atenção e valor por parte dos maracatus nação, além de serem rodeadas de mistérios.

9.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
Fim do século XIX e início do XX	Primeiras referências encontradas em obras de alguns intelectuais sobre a existência das calungas nos maracatus nação.
Meados do século XX	Possível predominância de calungas de madeira. Existência de uma dança especial realizada com a calunga.
Décadas de 1980, 1990 e século XXI	Novos maracatus nação surgem ou são reativados e com eles novas calungas são confeccionadas, a maioria delas sem possuir o prato por baixo das saias.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**PE****01****00****2012****F40****03****10. PRODUTOS PATRIMONIAIS****10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS**

Para esta ficha, consideramos a calunga como sendo o próprio produto patrimonial. Elas não são produtos para serem vendidos pelos maracatus nação, pois, após receber os fundamentos religiosos, elas se tornam objeto sagrado de valor simbólico inestimável. Sendo assim, mesmo quando algum maracatu interrompe suas atividades, as calungas não são vendidas. No entanto, antes de receber os fundamentos, elas são consideradas bonecas comuns, geralmente confeccionadas por encomenda, por meio de artesãos. Esses profissionais não são especialistas em confeccionar calungas, ou mesmo pessoas ligadas aos maracatus; na maioria dos casos, são artesãos ou escultores com prática em trabalhos com madeira ou pano. Percebe-se então que o que torna de fato as bonecas “calungas” não é necessariamente seu modo de fazer ou estética, mas principalmente seus fundamentos.

10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO

ETAPA	ATIVIDADE
Encomenda	O maracatuzeiro que busca uma nova calunga faz a encomenda a um artesão.
Confeção da boneca	O artesão confecciona a boneca em madeira ou pano, de acordo com o pedido do maracatuzeiro.
Sacralização da boneca	Após ser entregue ao maracatuzeiro, a boneca passa por um ritual de sacralização para receber os fundamentos religiosos, ou seja, para receber os axés. Os modos de realizar o ritual podem variar bastante de maracatu para maracatu. Alguns deles fazem um ritual semelhante ao <i>ebori</i> , que é o ritual realizado na iniciação das pessoas nos xangôs. Em outros casos, as calungas recebem obrigações semelhantes as que irão receber nos períodos pré-carnavalescos que se seguirem. Além disso, salienta-se que as calungas podem receber seus fundamentos no xangô (um dos modos de se denominar a religião dos orixás em Pernambuco), ou na jurema (religião de influências ameríndias, afro e lusas que cultua mestres e mestras, caboclos e caboclas, exus e pomba-giras, dentre outras entidades), a depender do modo como ela será compreendida em cada maracatu nação. O responsável por realizar o ritual é geralmente um babalorixá ou ialorixá, contando geralmente também com a presença de algum maracatuzeiro.

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO
Artesão	Confeccionar a calunga nos moldes solicitados pelo maracatuzeiro.
Babalorixá ou ialorixá	Realizar o ritual de sacralização da calunga.
Maracatuzeiros	Encomendar a calunga e por vezes acompanhar o ritual de sacralização.

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES

DESCRIÇÃO	A confecção da calunga é realizada no local de trabalho do artesão, ou seja, em uma oficina. Já a sacralização ocorre, na maioria das vezes, dentro de um terreiro, que pode ou não coincidir com a sede do maracatu nação. O capital para confecção e sacralização da calunga é da responsabilidade do próprio maracatu nação.
QUEM PROVÊ	O próprio maracatu nação.
FUNÇÃO	Fornecer condições estruturais para a confecção e sacralização das calungas.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**PE 01 00 2012 F40 03****10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO**

DESCRIÇÃO	As matérias primas e ferramentas de trabalho para a confecção das calungas são as comuns a outros trabalhos realizados com madeira ou pano, como, por exemplo, ferramenta para entalhe da madeira, lixa, serra, martelo, prego, cola, agulha, máquinas de costura, linha para costura e tesoura.
QUEM PROVÊ	O artesão é responsável pela obtenção da matéria prima e ferramentas de trabalho.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Fornecer condições estruturais para a confecção das calungas.
DISPONIBILIDADE	Os materiais podem ser encontrados em lojas de tecido, armário e de artigos e ferramentas para marcenaria.

10.6. COMIDAS E BEBIDAS

DESCRIÇÃO	As comidas e bebidas associadas às calungas são aquelas oferecidas nos rituais onde ela recebe seus primeiros fundamentos ou nas obrigações realizadas para o carnaval. O tipo de comida oferecida varia de grupo para grupo, seja por razões financeiras ou mesmo por conta do modo como as calungas são compreendidas ou cultuadas, ou seja, como eguns (maioria dos casos), orixás ou entidades da jurema. Dentre as comidas normalmente oferecidas estão animais como bodes ou galinhas, comidas secas (comidas que não são sacrifícios de animais), frutas e bebidas como cerveja, cachaça ou champanhe.
QUEM PROVÊ	O próprio maracatu nação.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Em contextos rituais, a comida tem a função de trazer o axé, espécie de energia positiva para a calunga, fazendo com que a mesma possa trazer proteção para o grupo. Ao passar pelo ritual de obrigação, a calunga é purificada e seu caráter sagrado se renova.

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS OU CÊNICOS.

DESCRIÇÃO	Consideramos como objetos rituais, neste inventário, aqueles que são considerados sagrados, passando por algum tipo de obrigação ou sendo resguardados em locais especiais. As calungas são consideradas pelos maracatus como objetos sagrados <i>per si</i> . São elas que carregam todo o fundamento religioso do grupo. Como objetos sagrados que são, elas são cercadas por regras e interdições. Como já salientamos, assim que ela chega ao maracatu nação, ela passa por um ritual de sacralização inicial, onde nela são colocados os axés; depois disso, ela recebe pelo menos mais uma vez ao ano outra obrigação, aquela realizada no período pré-carnavalesco, onde o maracatu solicita sua proteção. Em alguns casos, ela pode receber obrigação em outras celebrações do ano, como as realizadas para os orixás ou entidades que elas representam ou ainda nas celebrações para os eguns dos terreiros. As calungas não podem ser encostadas por qualquer pessoa, geralmente só pessoas de corpo limpo podem encostar nelas. Como esse tipo de controle (relacionado a pessoa estar ou não de corpo limpo) é difícil, é comum que apenas a dama do paço ou outra pessoa considerada de confiança encoste na calunga. Quando não estão nas mãos das damas do paço, as calungas são guardadas em locais especiais, podendo ser o pegi dos orixás, que representam o quarto de balé (quarto dos eguns), na sede da agremiação, ou mesmo na casa de algum maracatuzeiro, geralmente o responsável pela agremiação.
QUEM PROVÊ	O próprio maracatu nação.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A função maior da calunga é trazer proteção ao maracatu nação, no entanto salienta-se que ela também representa o símbolo de que o grupo possui fundamentos religiosos, servindo também para caracterizar um maracatu nação.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**PE****01****00****2012****F40****03****10.8. FIGURINOS E ADEREÇOS**

DESCRIÇÃO	O figurino da calunga tem por especificidade ser uma miniatura do figurino da dama do paço que a carrega. O modelo, tecido e apliques são exatamente os mesmos, sendo este detalhe avaliado pela comissão julgadora do Concurso das Agremiações Carnavalescas. Os únicos itens que não precisam ser necessariamente os mesmos são a capa e a coroa. Os figurinos das damas do paço são, ao lado do da rainha, os mais luxuosos do cortejo dos maracatus nação. Geralmente as roupas são de variadas cores, feitas de cetim por ser um tecido mais leve, além de possuir rendas, e por vezes bordados e aplicações em lamê, aljofre, dorsal, lantejoulas e pérolas, ricamente trabalhadas sobre o tecido para valorizar as peças e os detalhes de cada modelo. As saias das damas do paço ganham volume e dimensão por possuírem uma armação de fios de metal flexível, geralmente duas grandes circunferências na metade e na barra da saia que lhes dá uma forma abalonada, sobre a qual se estende todo o tecido, proporcionando grandiosidade ao figurino. A saia do vestido da calunga também é rodada e comprida o suficiente para cobrir a mão da dama do paço, porém sem possuir as armações. As blusas, em sua maioria possuem decotes discretos e mangas muitas vezes revestidas de uma camada de espuma para produzir o efeito de grande volume, tornando-as mais armadas em função deste recurso. As damas do paço e as calungas costumam possuir um adorno na cabeça, geralmente uma coroa de metal ou mesmo com um molde feito em tecido e aplicação de pedrarias. De maneira geral, o figurino das calungas e demais personagens da corte é inspirado nas vestimentas das cortes europeias do século XVIII.
QUEM PROVÊ	Os recursos para a confecção dos figurinos provêm dos próprios maracatus nação. Já a confecção é feita normalmente por uma costureira ou estilista ligado à agremiação. No entanto, em alguns casos, esses profissionais são terceirizados.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Inicialmente o figurino tem como função caracterizar a calunga. Além disso, torna-se importante por ser um dos itens avaliados no desfile do Concurso das Agremiações Carnavalescas organizado pela Prefeitura da Cidade do Recife. Esse aspecto é comum a todas as nações que fazem parte do concurso. Além do que já foi apontado, o figurino é um meio de se reforçar a identidade do grupo, visto que, apesar das semelhanças entre os estilos e modos de fazer de cada nação, eles ainda possuem especificidades em cada grupo. Essas pequenas diferenças podem não ser tão evidentes aos olhos dos leigos, mas geralmente são percebidas no meio maracatuzeiro. Salienta-se que o figurino da calunga e dama do paço é feito com muito capricho já que tais figuras são, ao lado das rainhas, o centro das atenções do cortejo dos maracatus nação.

10.9. DANÇAS

DESCRIÇÃO	A dança que as damas do paço realizam ao conduzir a calunga é a mesma realizada pelos outros maracatuzeiros, ou seja, na maioria das vezes não apresenta passos ou coreografias ensaiadas, mas se trata de um movimento corporal livre e espontâneo com movimentos expressivos nos braços. O movimento dos pés é mais contido com a sola inteira no chão, ou seja, não fazem ponta, e, ao longo do percurso, podem ocorrer giros, que ficam muito bonitos devido as saias rodadas utilizadas pelas maracatuzeiras. A dança segue a mesma cadência do batuque. Diferentemente da parte percussiva, que possui variações marcantes de nação para nação, na dança tradicional do maracatu essas diferenças, se existem não são percebidas tão facilmente, sendo mais sutis. No caso das damas do paço, é comum que elas elevem a calunga quando alternam os braços em movimentos para cima e para baixo. A dança segue a mesma cadência do batuque. Existe a crença por parte da maioria dos maracatuzeiros de que a dança do maracatu originou-se nos terreiros; não existe certeza sobre essa informação, já que a documentação histórica é escassa, porém, não se pode negar que os dois tipos de dança são extremamente próximos, seja em seu pulso, ou mesmo nos movimentos corporais. Diferentemente da parte percussiva, que possui variações marcantes de nação para nação, na dança, essas diferenças, se existem, não são percebidas com facilidade, sendo bem sutis (para mais informações sobre a dança dos maracatus, vide ficha de formas de expressão de dança desse INRC).
QUEM EXECUTA	As damas do paço.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**PE****01****00****2012****F40****03****FUNÇÃO /
SIGNIFICADO**

A dança é importante para caracterizar um maracatu nação. Ela faz parte do conjunto de práticas que compõe a manifestação cultural. Antigamente não era possível se pensar o maracatu sem a dança, ou seja, onde quer que o maracatu desfilasse ou se apresentasse ele trazia consigo o cortejo. Atualmente é possível observar que alguns maracatus nação, por vezes, se apresentam ou desfilam apenas com o batuque. Esse fato aponta para um caminho de desprestígio do cortejo e da dança em relação ao batuque e sua música. Pensando na figura da dama do paço, é importante ressaltar que a dança ajuda a evidenciar a presença da calunga no cortejo, ou seja, uma dama do paço trajada de modo luxuoso, dançando ao ritmo do batuque, chama a atenção de todos os presentes que, ao verem a calunga, têm a certeza de que a agremiação trata-se de um maracatu nação com fundamento religioso.

10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES**DESCRIÇÃO**

Atualmente pode-se compreender que existem dois tipos de músicas cantadas ou que fazem referência às calungas. A primeira delas trata-se das loas entoadas nas obrigações religiosas realizadas para as bonecas geralmente no período carnavalesco. Nesse sentido, quando elas recebem obrigações no quarto de balé (denominação do quarto destinados aos eguns nos terreiros de tradição nagô), a elas são entoados cânticos, geralmente em ioruba (idioma utilizado nos terreiros de tradição nagô). Na maioria dos casos, esses cânticos também são entoados para outros eguns, aos quais se dão em oferecimento. Quando as calungas recebem obrigação no assentamento de algum orixá, a elas são entoados os cânticos referentes aos orixás que elas representam.

No entanto, para este INRC interessa mais discorrer acerca das canções que fazem referência direta às calungas. Nos maracatus nação, as calungas são temas de diversas toadas. Grande parte dos maracatuzeiros utilizam os termos toada ou loa para denominar emicamente o conjunto '*texto e melodia*' acompanhado pelo batuque (corpo percussivo) que executa baques em função da linha melódica e textual, ou seja, toadas ou loas são as canções entoadas ao longo dos baques dos maracatus nação, constituindo-se, assim, como forma de expressão. As toadas cantadas na atualidade pelos maracatuzeiros abordam uma diversidade de temas, porém, os temas considerados tradicionais ainda são os predominantes. Tais temas expressam motivos ligados à procedência africana, a coisas do cortejo, a valores identitários de tradições negras etc., tais como: "Luanda", "reis", "imperial", "beira-mar", "dança", "*calunga*", "gonguê". Percebe-se, então, que a referência às calungas nas toadas é algo antigo e até hoje muito presente, revelando o grande valor simbólico que ela possui no contexto dos maracatus nação. Abaixo, transcrevemos algumas toadas atuais que fazem referência às calungas dos maracatus.

Nossos Tambores

(Mestre Walter, Estrela Brilhante do Recife)

Quando nossos tambores zuou
e a dama de passo girou
meu estandarte brilhou por que sou nação nagô
meu estandarte brilhou por que sou nação nagô. (coro)

vem nação, Estrela Brilhante cantar, bate forte nossos tambores
rufa caixa, mineiro e ganzá
Joventina, Erundina não deixe o tambor se calar,
Joventina, Erundina não deixe o tambor se calar. (coro)

Toada sem título definido

(Mestre Afonso, Leão Coroado)

Pra onde vai Dona Isabel, vou passear

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO				PE	01	00	2012	F40	03
---	--	--	--	----	----	----	------	-----	----

	Vou buscar ramo verde pra brincar (coro) É pra brincar, é pra brincar Vou buscar ramo verde pra brincar (coro) Respeito a Minha Majestade (Mestre Chacon, Porto Rico) Dona Inês é nossa rainha De Palmares a Palmeirinha (bis/coro) Chegou Chico de Itá, Senhor Eudes e Zé da Ferida (bis/coro) A princesa é Elizabete Dona Bela a Bruxaria (bis/coro) Salve Pereira da Costa De Palmares a Palmeirinha (bis/coro) Dona Elda é nossa rainha Tatá Raminho é nosso rei (bis/coro) Olha o respeito à majestade Chegando onde cheguei (bis/coro) Toada sem título definido (Dona Olga, Estrela Brilhante de Igarassu) Dona Emília é assim, à responder as fantasia (bis/coro) É ouro é marfim seu sapato é de cetim (bis/coro) Dama do Paço (Mestre Teté, Almirante do Forte) Nós temos a dama do paço, temos rei temos rainha Temos o príncipe e a princesa e a boneca é a Menininha
QUEM PROVÊ	Os cânticos entoados nas obrigações religiosas provêm da tradição oral dessas religiões; já as toadas dos maracatus podem também pertencer à tradição oral, sendo adaptadas às calungas de cada grupo, bem como serem compostas pelos maracatuzeiros de cada maracatu nação.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	As toadas são de fundamental importância para os maracatus nação porque sem elas não existe maracatu. O modo específico que cada grupo canta suas loas também é importante por caracterizar cada nação, além de lhes conferir uma identidade específica e sentimentos de pertencimento. Para o Maracatu Encanto do Pina, as toadas são também um modo para se louvar os orixás.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

PE

01

00

2012

F40

03

10.11. INSTRUMENTOS MUSICAIS / ITEM NÃO CONTEMPLADO NOS OBJETIVOS DA PESQUISA

DESCRIÇÃO	
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO

EXECUTANTE	ATIVIDADE
Dama do Paço ou Rainha do Maracatu.	Guardar a calunga; salienta-se que as calungas, por serem consideradas sagradas, não são guardadas em qualquer lugar. Elas devem ser colocadas em um local seguro, que dificulte o acesso das pessoas a ela. Vale lembrar que as calungas não devem ser encostadas por qualquer pessoa, por isso o cuidado em escolher o local. Esse local pode ser desde algum espaço dentro do terreiro, onde são realizadas as obrigações religiosas, como peji ou quarto de balé, assim como em algum espaço da sede da agremiação ou mesmo residência das lideranças do grupo.

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO ☐	VENDE ☐	TROCA ☐	OUTRO ☒	ESPECIFICAR	Preservação da tradição, identidade cultural.
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR		SIM ☐ NÃO ☒ PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☐ COMPLEMENTO ☐			
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO		DIRETO ☐ INTERMEDIÁRIO ☐ COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☐			

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

Item não contemplado nos objetivos da pesquisa.

13. BENS ASSOCIADOS

Sítio (6)

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Obrigações Religiosas	2
Cortejo	9
Dama do Paço	10
Dança	11
Figurinos e Fantasia	12
Toada/Loa	18

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**PE****01****00****2012****F40****03**

Recife (33)

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Abertura do Carnaval	1
Carnaval do Recife	5
Noite dos Tambores Silenciosos	8
Terça Negra	9
Pátio do São Pedro	12
Grupos Percussivos	28
Maracatu Nação Almirante do Forte	29
Maracatu Nação Cambinda Africano	30
Maracatu Nação Cambinda Estrela	31
Maracatu Nação Centro Grande Leão Coroado	32
Maracatu Nação Elefante	33
Maracatu Nação Encanto da Alegria	34
Maracatu Nação Encanto do Dendê	35
Maracatu Nação Encanto do Pina	36
Maracatu Nação Estrela Brilhante do Recife	37
Maracatu Nação Estrela Dalva	38
Maracatu Nação Gato Preto	39
Maracatu Nação Leão da Campina	40
Maracatu Nação Linda Flor	41
Maracatu Nação Lira do Morro da Conceição	42
Maracatu Nação Oxum Mirim	43
Maracatu Nação Porto Rico	44
Maracatu Nação Raízes de Pai Adão	45
Maracatu Nação Rosa Vermelha	46
Maracatu Nação Sol Nascente	47
Maracatu Nação Tupinambá	48
Maracatus Mirins	49
Bairro do Recife	50
Passarela	53
Pátio de São Pedro	54
Pátio do Terço	55

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

PE

01

00

2012

F40

03

Praça da Independência	56
Sítio de Pai Adão	57

Olinda (7)

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Carnaval de Olinda	1
Noite Para os Tambores Silenciosos de Olinda	2
Maracatu Nação Axé da Lua	8
Maracatu Nação Estrela de Olinda	9
Maracatu Nação Leão Coroado	10
Maracatu Nação Nação de Luanda	11
Maracatu Nação Tigre	12

Igarassu ()

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Maracatu Nação Estrela Brilhante de Igarassu	2

Jaboatão (1)

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Maracatu Nação Aurora Africana	2

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO**PE 01 00 2012 F40 03****15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS****15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL**

BARBOSA, Maria Cristina. A nação Maracatu Estrela Brilhante de Campo Grande. Monografia (Especialização em Etnomusicologia) - Departamento de Música, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001 (anexo 1 nº:151)

BARBOSA, Virgínia. A continuidade das mudanças musicais construindo reconhecimentos. Dissertação (Mestrado em Música) Programa de Pós Graduação da Escola de Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. (anexo 1 nº:153)

KUBRUSLY, Clarisse Quintanilha. A experiência etnográfica de Katarina Real (1927-2006): colecionando maracatus em Recife. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia)-Programa de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. (anexo 1 nº:172)

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Entre Pernambuco e a África. História dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 - 2000). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Área de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. (anexo 1 nº:176)

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Anexo 2

Registro número:

796,826,828,829,841,842,844,853,855,859,866,870,878,943,945,954,976,1000,1006,1052,1053,1062,1078,1081,1097

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Anexo 2

Registro número:

20,24,25,31,46,50,56,62,68,72,104,106,109,114,115,116,118,,120,121,,125,140,141,154,169,178,194,203,208,209,225,236,243,244,255,256,269,301,302,310,311,313,314,329,722,729,733,735,738,739,741,742,743,744,745,760,761,762,763,764,765,766,767,768,769,777,778,779,780,781,782,783,784,785,786,787,788

16. OBSERVAÇÕES**16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

Não

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Não

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

PE

01

00

2012

F40

03

16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

Para este INRC, foram preenchidas fichas de identificação de alguns bens culturais, com base no depoimento de diversos maracatuzeiros entrevistados, para assim contemplar a diversidade de pontos de vistas que os detentores do maracatu nação possuem acerca de seus bens, sem privilegiar o ponto de vista de um maracatuzeiro em detrimento de outro. O bem descrito nesta ficha enquadra-se nesse contexto.

17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Entrevista realizada com diversos maracatuzeiros, a partir de roteiro elaborado pela equipe de pesquisa.		
PESQUISADOR(ES)	Isabel Cristina Martins Guillen, Ivaldo Marciano de França Lima, Anna Beatriz Zanine Koslinski, Jailma Maria de Oliveira, Fernando Antônio Ferreira de Souza, Lydiane Batista de Vasconcelos, Fábio de Souza Sotero, Patrícia Roberta da Silva Araújo, Lunara Caroline Nascimento Gomes, Walter de França Filho, Juliana Ferreira Campos Leite, Angelina Lima.		
SUPERVISOR	Anna Beatriz Zanine Koslinski		
REDATOR	Anna Beatriz Zanine Koslinski		DATA 26/10/2012
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Isabel Cristina Martins Guillen		